



Sagrado e cultura no mundo secularizado¹

Sacred and culture in the secularized world

Glauco Barsalini²

WESTPHAL, Euler Renato. *Secularization, Cultural Heritage and the Spirituality of the Secular State: Between Sacredness and Secularization*. 1. ed. Paderborn: Brill/Verlag Ferdinand Schöningh, 2019. v. 1. 119 p.

São variadas as vertentes dos estudos sobre o patrimônio no Brasil. Da história à antropologia e à sociologia, da museologia às artes e à arquitetura, do direito à teologia e às ciências da religião encontra-se um amplo arco de produções, muitas delas verdadeiramente contributivas ao entendimento e, também, ao reconhecimento e preservação do patrimônio material e imaterial nas diferentes esferas espaciais e culturais.

No contexto de sólida trajetória de pesquisas de cariz teológico acerca do patrimônio e da memória social, o teólogo Euler Renato Westphal, docente da Universidade da Região de Joinville e da Friedrich-Schiller-Universität Jena, oferece ao leitor uma significativa produção acerca do patrimônio imaterial no âmbito das relações entre a espiritualidade e a secularização: *Secularization, Cultural Heritage and the Spirituality of the Secular State: Between Sacredness and Secularization*, publicado em língua inglesa pela Brill/Verlag Ferdinand Schöningh, em 2019.

O livro é disposto em sete capítulos, além do prólogo e da conclusão. Não foram necessárias mais do que 119 páginas para que Westphal demonstrasse, com a maior competência, sua tese a respeito do liame entre a teologia e o patrimônio imaterial, mais especificamente da profunda conexão da tradição judaico-cristã com a secularização do mundo ocidental moderno e os processos disruptivos que a pós-modernidade impõe àquela tradição. A escrita precisa e clara auxilia no melhor entendimento do diálogo profundo que o autor estabelece com referências seminais da teologia, da sociologia e da filosofia, como Martinho Lutero, Max Weber e Friedrich Nietzsche, além de importantes intelectuais do século XX e da contemporaneidade, como Karl

¹ Recebido em 22 de janeiro de 2022. Aceito em 18 de abril de 2022 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Pós-Doutor em Teologia pela Loyola University Chicago, Doutor em Filosofia pela UNICAMP e Professor do Programa da Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. E-mail: glaucobarsalini@gmail.com



Jaspers, Hannah Arendt, Tzvetan Todorov, Clifford Geertz, Jürgen Habermas, John Rawls, Gianni Vattimo, Albert Schweitzer, Paul Tillich, Jürgen Moltmann, Michel Foucault, Jacques Derrida, Paul Ricoeur, Pierre Nora, Jacques Le Goff, Marc Bloch, Rainer Forst, Peter Sloterdijk, Michel Maffesoli e Terry Eagleton. Dedicando, também, espaço para a discussão da temática do livro no contexto brasileiro, Westphal não se olvida de referências e pesquisadores que produzem a partir do Brasil, como Sérgio Buarque de Holanda, Darcy Ribeiro, Leonardo Boff, Rubem Alves, Rudolf von Sinner, Carlos Eduardo Sell e Luana de Carvalho Silva Gusso. O rigor metodológico com que Westphal trata seus interlocutores não teólogos no intuito de encontrar, em sua teoria, conteúdos que se abrem para o diálogo com a teologia revela um projeto intelectual maduro, e a naturalidade com que transita por tantas referências denota erudição.

Destaque-se a importância cardinal de Martinho Lutero, bem como a influência de Terry Eagleton no debate central desse livro. Se Westphal carrega o pai da Reforma consigo no empenho de responder às questões mais substanciais que subjazem à relação entre o sagrado e a secularização, por outro lado, Eagleton traz ao teólogo brasileiro o desafio de pensar o sagrado no plano da cultura em um mundo secularizado. Tal composição, que a vistas grossas pode parecer harmônica, em um olhar mais atento apresenta contradições profundas, as quais estabelecem limites definitivos a qualquer tipo de exegese teológica de caráter por assim dizer mais essencialista. Essa opção teórica renova, pois, o compromisso de Westphal com uma hermenêutica aberta, conquanto não desconstrutivista.

No primeiro capítulo, intitulado *The Presence of Theology in Culture: Theological Aspects of Immaterial Culture*, Westphal explora as relações entre a cultura e a espiritualidade. Sintonizado com o pensamento alemão, o autor defende que a espiritualidade é o próprio coração e, ao mesmo tempo, expressão da cultura. Nesse sentido, a tarefa de se compreender a articulação entre a *Weltanschauung* (cosmovisão) e a *Lebensanschauung* (visão da vida) apresenta-se como o ponto-chave da incursão que Westphal faz nas diferentes interpretações sobre a repercussão do protestantismo na vida dos indivíduos e da sociedade moderna – e contemporânea –, passando por Geertz, Weber, Schweitzer e Eagleton. Westphal divisa a presença radical da religião na cultura moderna e sustenta que cabe à teologia, enquanto ciência, “analisar e interpretar os processos imateriais, i.e. a espiritualidade da cultura” (*trad. nossa*; p.1).

O capítulo seguinte intitula-se *The Spirituality of the Secular State: Reflection about Reconciliation in Politics*. Para ele, Westphal traz Eagleton, Jaspers, Arendt e Derrida, buscando em tais intelectuais aproximações na discussão sobre a relação entre o cristianismo e o Estado



secularizado no que se refere à culpa, ao perdão e à reconciliação. Westphal encontra nesse ambiente de reflexões elementos que embasam sua própria argumentação a favor de uma “pedagogia teológica”. Sua leitura sobre a separação do Estado contemporâneo em relação à religião é negativa. Passando, comparativamente, pelos exemplos da França e do Brasil, o teólogo avalia que a imposição legal do perdão e da reconciliação pelos Estados laicos revela um paradoxo: o mesmo ente que nega a tradição cristã invoca a sua teologia para fundamentar suas políticas públicas. Seguindo esta linha, talvez pudéssemos afirmar que, no entendimento de Westphal, a lei, como sucedâneo da cultura religiosa, artificializa os seus princípios, o que, ao invés de gerar uma cultura da paz, propicia uma cultura da vingança.

No terceiro capítulo, *Secularization and Meaning: A Discussion of Memory and Eschatology*, com o auxílio de Le Goff, Bloch e Nora, Westphal traça um caminho de associações entre a historiografia e a teologia cristã. A cultura religiosa da memória e a cultura cristã da divisão do tempo pelo evento escatológico Jesus Cristo, definidora da linearidade da história, colocaram o ser humano no seu próprio tempo. Nesse sentido, inspirado em Nora, Westphal afirma que a perda das relações com as tradições judaico-cristãs traz o risco de nos tornarmos órfãos do aspecto teológico de nossa identidade. Aqui ele critica a ausência da menção de tal aspecto nos documentos da UNESCO e do IPHAN referentes à preservação da memória e da imaterialidade, argumentando que, se para um turista um templo pode significar apenas uma experiência transitória, para uma pessoa religiosa ele tem outro sentido, o de conexão com a espiritualidade.

No quarto capítulo, *Tolerance and Love: Is Modern Reason a Source of Intolerance?*, Westphal dialoga com Rawls, Habermas, Forst e Sloterdijk, problematizando o princípio da tolerância nos âmbitos do liberalismo e do racionalismo. Sublinha que estes intelectuais, apesar das interpretações próprias que produzem acerca da tolerância no mundo secularizado, são congruentes na afirmação de que a sua fundamentação está na tradição cristã. O ponto fundamental deste capítulo está na interpretação de Westphal a respeito da posição de Jesus Cristo sobre a tolerância. Para o autor, Jesus não tolerava a maldade humana, o desamor em relação aos desvalidos, e seu exemplo é sonogado pelo Estado laico, que paradoxalmente sustenta o princípio legal da tolerância nas bases do preconceito e da eugenia.

No capítulo subsequente, intitulado *The Kingdom of God as Inspiration for the Secular State on the Basis of Martin Luther's Conception of Politics*, o autor aprofunda sua tese, ao contrapor de forma explícita o pressuposto da vida ética em Lutero ao estatuto da lei coercitiva do Estado secularizado que, em nome da liberdade individual, oprime a todos. Nessa altura do livro, não



pode restar mais qualquer senão quanto à influência basilar de Lutero sobre Westphal. A afirmação, por Lutero, de que o conjunto normativo secularizado deve pressupor uma consciência talhada pelo reino de Deus ressoa em Westphal na ideia de que, frente a um Estado violento e seletivo – ao que se agrega, no caso brasileiro, um ambiente acadêmico resistente à teologia –, o patrimônio imaterial é o lugar do universo secularizado no qual a consciência religiosa pode, aliás, deve, se realizar.

O sexto capítulo, *God Rules the Kingdom of the World through Human Reason: Relations and Distinctions between Faith and Politics*, discute a relação entre a religião e a política no Brasil, contrapondo a instrumentalização da religião para a obtenção e manutenção do poder soberano – basicamente enquanto reflexo da cultura patrimonialista deste país –, à concepção de Lutero sobre a temática, para quem o reino de Deus e o reino dos seres humanos são distintos, embora este seja verdadeiramente digno na medida em que se apoie na lei natural, na vontade divina. Westphal segue lembrando que, de acordo com Lutero, neste último reino, seus protagonistas, se verdadeiramente cristãos, compreendem que são iguais entre si, que não cabe a sobreposição de um em relação ao outro e que devem, todos, sustentar a “disposição espiritual” de viver e fazer para a comunidade. Recorrendo a Eagleton, Westphal retoma a legitimidade da espiritualidade no âmbito do patrimônio imaterial como saída para o fortalecimento da virtude, inclusive em oposição, no caso brasileiro, ao atual pragmatismo de caráter patrimonialista perpetrado por instituições religiosas junto ao Estado.

O último capítulo, *The Forgetting of God and the Victory of Dionysus: Tension and Proximity between the Sacred and the Secular in Postmodernity* é o ponto alto do livro. O conjunto de conceitos e ideias que se articulam entre si na trama construída nos capítulos anteriores se dispõe como arsenal para que Westphal possa, afinal, acarar – dispondo-se a enfrentar, mesmo – o axioma “a morte de Deus” na modernidade e na contemporaneidade. Nessa empreitada, o autor não economiza fôlego: mergulhando em águas profundas, coloca as tradições dos pensamentos teológico protestante e filosófico iluminista frente a frente do desconstrutivismo de Nietzsche e de Foucault. Recepiona, todavia, também analistas da pós-modernidade, abrindo-se ao diálogo com eles. Por entender que a pós-modernidade não significa, propriamente, a superação da modernidade, Westphal contesta o império de Dionísio (o do secularismo) e recupera, com isso, a perspectiva moderna associada ao protestantismo, propondo que a secularização volte a ocupar o seu espaço de origem através do reencantamento do mundo, o qual pode se dar por meio da cultura, da associação entre a espiritualidade e o Estado secularizado.



A conclusão tem um subtítulo: *Secularization of the Sacred and Sacralization of the Secular*. Parte substancial dela é dedicada ao contraponto com o secularismo. Westphal interpreta que a força de Deus se revela também contemporaneamente: Sua anterior e integral disposição por esvaziar-se completamente no evento da crucificação conferiu o amor eterno e incondicional aos seres humanos, mesmo no contexto histórico de sua negação, mesmo diante de sua profanação.

Westphal acredita ser o patrimônio o lugar no mundo secularizado apropriado ao acontecimento da espiritualidade. Para ele, no patrimônio cultural, princípios religiosos norteados pelo amor podem prosperar, ofertando possibilidades e rumos positivos para a sociedade contemporânea. Nesse sentido, sua leitura sobre o Estado secularizado, embora negativa, é otimista. A oposição a qualquer perspectiva de tipo desconstrutivista não compromete, de modo algum, sua postura dialógica e atual. Entre Lutero e os intelectuais que refletem sobre a modernidade e, especialmente, sobre a pós-modernidade, esforça-se por localizar, no ambiente desumanizado e desumanizador da vida secularizada, espaços para o reencontro da humanidade consigo mesma. Mais do que um teólogo comprometido com a teologia, Westphal é um humanista comprometido com a humanidade.

Neste tempo histórico em que a teologia tem sido comprimida pela massificação do proselitismo religioso fortemente associado a projetos escusos de poder, e em que as ciências em geral teimam em confundir teologia com religião, *Secularization, Cultural Heritage and the Spirituality of the Secular State: Between Sacredness and Secularization* é, mais do que uma obra autêntica e importante para os debates acadêmicos de alto nível, um trabalho necessário. Seria muito bom se o público brasileiro pudesse contar, também, com sua edição no vernáculo.